

RESUMO

Este artigo busca visibilizar o preconceito racial presente nas obras literárias, especificamente no conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato (1920). O objetivo da pesquisa é apresentar como se dá a representação desse processo na obra supracitada, ressaltando como os textos literários tratam a questão do negro na literatura, mesmo no pós-abolição, como é o caso, sobretudo no meio aristocrático, em conivência com outras instituições, com destaque, no conto, para a Igreja. A pesquisa é respaldada por pesquisadores afins ao tema.

PALAVRAS-CHAVE: Preconceito racial; pós abolição; século XIX.

ABSTRACT

This article seeks to make visible the racial prejudice present in literary works, specifically in the short story "Negrinha", by Monteiro Lobato (1920). The purpose of the research is to present how the process of representation in the above-mentioned work is presented, emphasizing how literary texts deal with the question of the Negro in literature, even in post-abolition, as is the case, especially in the aristocratic milieu, in connivance with others institutions, especially in the short story, for the Church. The research is supported by researchers related to the topic.

KEYWORDS: Racial prejudice; post abolition; XXI century.

¹ Discente do Curso de Letras pela Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/CE, sob a orientação da Professora Dra. Izabel Cristina dos Santos Teixeira. Trabalho apresentado como parte do requisito para a titulação do grau de Licenciada em Letras/Português.

² Professora Dra. adjunta do Instituto de Linguagens e Literaturas (ILL) da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/CE).

1. INTRODUÇÃO

A discriminação racial tem sido um assunto de muito interesse, de minha parte, desde que comecei minha vida acadêmica, cinco atrás; por um envolvimento com a literatura, tive um contato mais direto com a área e com seus desdobramentos temáticos.

Muitos foram os pesquisadores que envolve esse tema sobre preconceito racial, como: Domício Proença Filho, Armindo Guerreiro, Ingrid Silva de Oliveira, Sérgio Manoel Rodrigues, Joelza Ester Domingues, Rosilda de Moraes Bergamasco, Ana Célia Coelho, e dentre outros, no Brasil.

Embasado nas pesquisas, são muitos os textos ficcionais e até mesmo poéticos que tratam dessa questão, ainda nos séculos XX e XXI. Por exemplo: “Um defeito de cor”, de Ana Maria Gonçalves (2006); “Olhos d’água” e “Ponciá Vicêncio”, de Conceição Evaristo (2003); “Incursões sobre a pele”, de Nei Lopes (1996); “Dionísio esfacelado”, de Domício Proença Filho (1984); “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus (1962); “Cadernos Negros”, em que foram incluídos os poemas: “Essa Negra Fulô”, do poeta modernista Jorge de Lima (1947) e “Sou Negro” de Solano Trindade (1958); “A intrusa”, de Júlia Lopes de Almeida (1908); “O cortiço” e “O Mulato” de Aluísio de Azevedo (1881); “O Navio Negreiro” e a “Cruz da estrada”, de Castro Alves (1880); e, por último, o conto que serve de base a ser analisado nesta investigação, “Negrinha” de Monteiro Lobato (publicado em 1920).

Dessa gama aqui exemplificada, ocorreu-me este texto que traz à cena, na passagem do século XIX para o século XX, justamente quando se davam os primeiros passos para a convivência com a consequência da Abolição da escravatura (13 de maio de 1888), que foi a exposição da questão racial.

Diante do exposto, elaborei a investigação que resulta neste trabalho que ora exponho. Ele se constitui em cinco tópicos: o primeiro tópico a introdução, o segundo trata de uma elaboração teórica sobre o tema “discriminação racial” e sua representação na literatura; o terceiro tópico, trata do autor Monteiro Lobato, sua importância e o seu lugar na literatura brasileira e a descrição específica do conto “Negrinha”, objeto de minha análise. No quarto tópico, realizo um debate sobre o tema no conto supracitado, investigando em que medida ele pode ser abordado à luz dos teóricos em que me apoiei para esta análise. Por último, farei minhas considerações finais a respeito dessa abordagem.

2. O APORTE TEÓRICO SOBRE “DISCRIMINAÇÃO RACIAL” E SUA REPRESENTAÇÃO NA LITERATURA

Na literatura, o tema da discriminação racial foi pesquisado por muitos autores, dentre estes, destaca-se: Proença Filho (2004) que busca traçar o percurso do negro na literatura brasileira, em dois aspectos: como objeto e como sujeito. Em sua pesquisa, o autor seleciona autores e textos produzidos, a partir dos anos de 1970, momentos de grandes movimentos da autoafirmação da etnia. Assim, ele descreve que a figura do negro não escapa ao tratamento marginalizado. Para o pesquisador, tem-se a literatura “sobre o negro” de um lado, e a literatura “do negro”, de outro. Neste sentido, configura-se uma visão distanciada sobre o negro que indicia uma ideologia racista, com atitudes e estereótipos da estética branca dominante.

Segundo o autor, um aspecto que deve ser revelado é que, embora a literatura negra passe a ter mais destaque, a partir do século XIX, surgem na Literatura, desde o século XVII, aspectos de desigualdades, em que ele cita, nos versos de Gregório de Matos, as seguintes passagens:

Que falta nesta cidade?... Verdade. /
Que mais por sua desonra?...Honra. /
Falta mais que se lhe ponha?...Vergonha. /

O demo a viver se exponha, /
Por mais que a fama a exalta /
Numa cidade onde falta /
Verdade, honra, vergonha. (MATOS, apud PROENÇA FILHO, 2004)

De acordo com o pensamento racista em que Proença Filho (2004) destaca nos versos citados anteriormente, salienta-se:

O trecho acima faz parte de um poema em que Gregório ataca vários segmentos da sociedade baiana, e evidencia a postura de repúdio do artista quando o assunto é a classe dos negros e mulatos. Gregório usa um tipo de construção na primeira estrofe e outro tipo na segunda estrofe, recuperando no final da segunda estrofe as palavras finais de cada verso da primeira. Nota-se também na última parte do trecho que ele dirige sua crítica não apenas aos negros, mas aos que os estimam também. (HENRIQUE MAY, 2003)

Em suas pesquisas, Proença Filho (2004) descreve uma literatura marcada por uma visão estereotipada, em que ele aborda nessas obras todos indícios de desigualdades, subalternidades e maus tratos, no qual muitos desses prevalecem até os dias atuais. Como aporte literário, o autor faz uma explanação com várias obras de vários escritores, entre estes, destacam-se: Aluizio de Azevedo, Bernardo Guimarães, Castro Alves, Fagundes Varela e, dentre uma gama de teóricos em que o autor se baseia na sua análise, estão: Alfredo Bosi (1979), David

Brookshaw (1983), Flávio Carrança (2003), Luíza Lobo (1987), Oliveira Silveira (1982), Paulo Colina (1982), Zilá Bernd (1987) e dentre outros autores.

Nessa trajetória, explanando tipos de estereótipos, Proença Filho (2004) destaca o caso do escravo que vence pela força de seu “branqueamento”, como em “O mulato” (1881), de Aluísio de Azevedo e a “Escrava Isaura” (1875), de Bernardo Guimarães. Ambos filhos de escravos, aceitam a submissão, assumindo a dimensão estereotipada do negro como vítima e submisso. No caso de “A escrava Isaura”, o narrador torna evidente a questão, na conversa entre Isaura e sua “Senhora”:

Não gosto que a cantes, não, Isaura. Hão de pensar que és maltratada, que és uma escrava infeliz, vítima de senhores bárbaros e cruéis. Entretanto passas aqui uma vida, que faria inveja a muita gente livre. Gozas da estima de teus senhores. Deram-te uma educação, como não tiveram muitas ricas e ilustres damas, que eu conheço. És formosa e tens uma cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue...africano...- [...]

– Mas senhora, apesar de tudo isso, que sou eu mais do que uma simples escrava? Essa educação, que me deram, e essa beleza, que tanto me gabam, de que me servem? São trastes de luxo colocados na senzala do africano. A senzala nem por isso deixa de uma senzala...

– Queixas-te de tua sorte Isaura? – Eu não, senhora: apesar de todos esses dotes e vantagens, que me atribuem, *sei conhecer o meu lugar*. (GUIMARÃES apud PROENÇA FILHO, 2004)

Nas palavras de Isaura, percebemos a tristeza e a inferioridade que sente perante os membros da casa, pois, mesmo sendo uma moça prendada, não sabe como e onde empregar esses dotes. Além disso, a personagem sabe que é uma escrava e, sua senhora faz questão de mencionar sobre o sangue africano que corre em suas veias. Oliveira (2009) aponta para essa questão:

De certa forma, Isaura é uma ilustração dos aspectos positivos do branqueamento, da fusão-diluição do “elemento africano”, da limpeza do sangue que nada mais é que uma forma de aniquilar as referências à origem afro-brasileira pelo lado materno. A relação entre mito e literatura está perfeitamente ilustrada na elaboração desta personagem que no fim do romance casa-se com um “branco de lei”, ilustrando assim o processo de integração-assimilação-branqueamento. (MERIAN, 2008 apud OLIVEIRA, 2009)

Em sua investigação, Proença Filho (2004) vai transcrevendo toda uma trajetória, de como o negro é retratado na literatura, pesquisando os trabalhos de vários autores, como Castro Alves, em “O navio negreiro” (1880) e de Fagundes Varela, em “Mauro, o escravo” (1920).

O autor destaca que os escritores mencionados, de forma geral, sempre evidenciam, no desenvolver de suas produções, uma ideologia de classe dominante e o escravo tido como subalterno. O autor também traz, além dessa questão central, no caso, dominante e dominado,

questões de sensualidade e objeto sexual, ou seja, o negro visto apenas como um objeto erotizado, como é o caso de “Rita Baiana” e o mulato “Firmo”, do romance “O cortiço”, de Aluizio de Azevedo (1890).

Dessa forma, dentre uma gama de escritores, Proença Filho (2004) vai mostrando o regime escravagista e, os ideais da raça dominante, trazendo à tona, questões políticas e de cunho social, evidenciando toda humilhação e sofrimento do negro, durante o período da abolição e pós-abolição. Para o autor, esses textos literários selecionados evidenciam toda uma trajetória de grandes lamentações que, de fato, enfatiza uma crítica à sociedade e uma ampliação nas obras ficcionais.

Na sequência, Proença Filho (2004) afirma que a literatura negra vem se expandindo, ganhando seu espaço e conquistando seu lugar de direito, tal como ele destaca:

É importantíssima a ocupação pelos negros e seus descendentes de espaços literários e de outros espaços igualmente culturais até então timidamente frequentados. O caminho vem sendo percorrido. Alguns resultados, poucos, têm aflorado. Importa prosseguir na busca de uma plena e insofismável representatividade, até que se torne inteiramente dispensável a presença como marca de uma *diferença* redutora. Afinal, literatura não tem cor. (PROENÇA FILHO, 2004)

Em uma outra abordagem, Oliveira (2009) também traz sua contribuição, fazendo uma discussão acerca da representação do negro na Literatura brasileira, no início do século XX, com base na análise do romance “A Intrusa” (1908), de Júlia Lopes de Almeida. A autora evidencia duas linhas de reflexão: a primeira está ligada à forma de tratamento do negro inferior ao branco, mesmo após a abolição da escravidão; a segunda, vai de encontro a outras obras literárias que defendiam uma hierarquia entre as raças.

Para Oliveira (2009), a questão racial aponta para um vínculo direto entre o conceito de nação e sobre a discussão de uma “identidade nacional”, no século XIX, quando da Independência do Brasil-Colônia. Para a autora, essa época foi marcada pela preocupação dos escritores em copiarem os modelos europeus e fazer a distinção entre os povos, conceituando uma raça inferior à outra.

O romance citado acima aborda o olhar negativo sobre Feliciano, um homem negro tido como criado, que foi bem-educado pela “caridade” dos pais da esposa de Argemiro, protagonista da história. Porém, com a morte da esposa do personagem principal, no caso, a dona da casa, Feliciano passa a administrar todas as tarefas sem supervisão.

Diante disso, Oliveira (2009) chama atenção para uma questão central, na qual a autora do romance deixa transparecer: uma ideia de que Feliciano passa a agir de forma desonesta e abusada.

Para Oliveira (2009), a autora do romance em questão vai transparecer para seus leitores um olhar negativo sobre Feliciano, classificando-o como desonesto, presunçoso, malicioso e pouco “submisso” ao patrão.

Não posso mais aturar o Feliciano: preciso de alguém que me ajude a suportá-lo. Mas a razão vocês sabem. Quero que minha filha não se crie completamente alheia à sua casa, preciso mesmo da sua companhia, ao menos uma vez por mês (...) Preciso de uma mulher em casa, que não seja boçal como uma criada, mas que não tenha pretensões a outra coisa. Saberei indicar-lhe o seu lugar. Nem quero vê-la, mas sentirlhe apenas a influência na casa. É a minha primeira condição. (ALMEIDA, 2002, p. 09 apud OLIVEIRA, 2009)

Nesta passagem do texto, põe-se em evidência a questão racial, o romance narra a história de Alice, uma moça branca que, por questões pessoais, por ter perdido seus pais, precisa trabalhar como criada, para garantir sua sobrevivência. A questão é que Alice é branca, concebida como heroína. Nesse sentido, é considerada melhor que o antigo criado da casa, Feliciano. Alice, ao ocupar o lugar de Feliciano na administração da casa, desencadeia uma situação que fere a autoestima de Feliciano. Este, em resposta, começa a fazer intrigas da moça para a sogra de Argemiro.

De acordo com o romance, Oliveira (2009) aborda essa questão da desigualdade racial:

No início do século XX, tais pensamentos permeavam os escritores brancos, e também negros. Intelectuais como Raimundo Nina Rodrigues e Tobias Barreto apoiavam essas teses racistas da época e seus estudos muito contribuíram para fortalecer o mito da superioridade racial branca. Essa ideologia teve uma influência tão duradoura no discurso oficial e no inconsciente coletivo que acabaram se transformando em algo que pouquíssimas pessoas questionavam.

Segundo a autora, vários escritores tinham esse discurso marcado por essa ideologia da raça branca dominante. Entre estes destaca-se Machado de Assis, Graça Aranha e Euclides da Cunha, entre outros.

Em resumo, Oliveira (2009) encerra sua pesquisa sobre a obra, enfatizando dois pontos de vista, ou seja, duas situações de ódio representado nos personagens: do negro ao branco, identificado nos sentimentos de Feliciano contra Alice e Argemiro; e do branco ao negro, representado no comportamento de Argemiro.

Ademais, é relevante enfatizar que este tema sobre a questão racial é recorrente na ficção produzida no século XIX, no ocidente de um modo geral, que encontrou ressonância na elite pensante do Brasil, como por exemplo Silvio Romero (1906), adepto do pensamento racista europeu, que se propaga, a partir das formulações científicas do médico francês Arthur Gobineau,³ (1855) para o médico a humanidade estava fadada à degeneração e, por isso, precisava aniquilar as raças inferiores, ou seja, para ele, a raça branca era considerada superior. Neste sentido a raça tida como inferior, teria que ser exterminada. Segundo Ferreira (2017) o médico francês em sua passagem pelo Brasil observou: “ trata-se de uma população totalmente mulata, viciada no sangue e no espírito e assustadora mente feia” (GOBINEAU apud FERREIRA, 2017, p. 99). E, essas ideias são disseminadas no Brasil por Nina Rodrigues⁴ (2010) que também adota uma perspectiva racista. Neste sentido, com essa ideologia o estudioso aborda a temática do negro como questão social para compreender a formação da população brasileira.

Dessa forma, o autor atenta para o conhecimento científico da raça negra no Brasil. Para ele, os negros que aqui chegaram foram se multiplicando: “ Na América latina, em particular no Brasil, a Raça Negra, predominando muitas vezes pela superioridade numérica, incorporou-se à população local no mais amplo e franco mestiçamento”. (NINA RODRIGUES, 2010, p.13). O autor ainda acrescenta: “no Brasil, onde sobre eles, puros ou mestiçados, se levantou a nossa nacionalidade, cumpre julgá-los separadamente, discriminando as suas capacidades relativas de civilização e progresso”. (NINA RODRIGUES, 2010, p. 13)

Para o autor, os negros que aqui chegaram foram formando a nossa nacionalidade:

A condição de escravos, em que desde o começo se acharam no Brasil os negros Africanos, habituou-nos a considerá-los simples coisa e a não levar em linha de conta os seus sentimentos, as suas aspirações, a sua vontade. Procede daí a afirmação de que o Africano importado pelo tráfico se nacionalizou, adotando por sua a nova pátria. Este fato, que é plenamente verdadeiro, do negro crioulo, absolutamente não se verificou com o negro africano. (NINA RODRIGUES, 2010, p.57)

Nesta mesma concepção, sobre a formação da raça brasileira Silvio Romero destaca:

³ Conde Arthur Gobineau (1816-1882) médico francês que apoiou a Eugenia (movimento de branqueamento das raças através do estímulo aos casamentos dos brancos). FERREIRA, Antonio. **Curso Básico de Sociologia**. São Paulo. 2017, p. 92. Disponível em: <<https://books.google.com.br>> . Acesso em: 23 março 2019.

⁴ Nina Rodrigues (1862-1906) legista, psiquiatra, professor e antropólogo brasileiro. Defendeu teses antropológicas absolutamente racistas. FERREIRA, Antonio. **Curso Básico de Sociologia**. São Paulo, 2017, p. 93. Disponível em: <<https://books.google.com.br>> . Acesso em: 23 março 2019.

A história do Brasil, como deve hoje ser compreendida, não é, conforme se julgava antigamente e era repetido pelos entusiastas lusos, a história exclusiva dos portugueses na América. Não é também, como quis de passagem supor o romanticismo, a história dos Tupis, ou, segundo o sonho de alguns representantes do africanismo entre nós, a dos negros em o Novo Mundo. É antes a história da formação de um tipo novo pela ação de cinco fatores, formação sextiária em que predomina a mestiçagem. Todo brasileiro é um mestiço, quando não no sangue, nas ideias. (SILVIO ROMERO, 1906, p.2)

Para Silvio Romero, essa questão da formação da nação brasileira está ligada aos fatores iniciais dessa formação que são: o português, o negro, o índio, o meio físico e a imitação estrangeira. Ou seja, uma miscigenação. Para o autor, tudo o quanto há contribuído para a diferenciação nacional deve ser estudado.

O tema analisado no conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato (2008) é recorrente do século XIX, é um tema que visibiliza um marco histórico, que está ligado à questão da escravidão no Brasil. Dessa forma, evidencia-se a passagem de uma época de exploração por parte de um sistema opressor e escravocrata, advindos desse tempo de escravidão. Além disso, de acordo com Rodrigues (2003) o conto retrata uma época marcada pelo autoritarismo e pelo preconceito racial, que revela a situação das classes menos favorecidas de uma sociedade brasileira discriminatória.

3. MONTEIRO LOBATO E SUA OBRA NO CONTEXTO DA LITERATURA BRASILEIRA

Monteiro Lobato (José Bento Renato Monteiro Lobato) nasceu em Taubaté (SP), no dia 18 de abril de 1882 e faleceu aos 66 anos, no dia 4 de julho de 1948. Foi um escritor e editor brasileiro pré-modernista.

O período literário conhecido como Pré-Modernismo situa-se, aproximadamente, nas duas primeiras décadas do séc. XX, precedendo o movimento modernista de 22. Na verdade, o Pré-Modernismo não corresponde a uma escola literária, mas sim a um confluir de escritores que, não correspondendo a nenhuma das estéticas de fins do século XIX, tiveram uma produção de impacto, apresentando novas vertentes estilísticas e/ou temáticas em nossa literatura. (Educação. Globo. Literatura)

Monteiro Lobato, como era mais conhecido, foi considerado um dos maiores autores de histórias infantis, sua obra mais conhecida é “O Sítio do Picapau Amarelo”, composta de 23 volumes de literatura, sendo escritos entre os anos de 1920 a 1947. A obra atravessou várias gerações e foi adaptado em diversas vozes para filmes e séries de televisão, desde os anos 50, sendo produzido pela Rede Globo de 1977-1986 e 2001-2007.

Conhecido como homem de múltiplas facetas, passou a vida em campanhas para que seu país fosse conhecido como um país moderno:

Na época de Monteiro Lobato, modernizar o Brasil significaria, do ponto de vista econômico, promover a industrialização e permitir a ação das forças tipicamente capitalistas; no aspecto social, denotaria a constituição de uma sociedade industrial conforme a ordem social competitiva organizada a partir do mercado e do mérito; e no plano político, seria estabelecer a democracia, promovendo a transformação dos párias em cidadãos. Para tanto, seria preciso romper com o conservadorismo, impondo-se a transposição de barreiras apresentadas pela hierarquia, pela tradição, pelo mundanismo e por uma série de outros valores. (CARNIO, 1997, p.7)

Sempre teve uma grande aproximação pelas artes plásticas, mas, por imposição de seu avô, o Visconde de Tremembé, cursou a faculdade do Largo São Francisco, em São Paulo. Seguiu carreira por pouco tempo, logo trocou o Direito pelo mundo das letras. Além dessas conquistas, ou seja, a faculdade de Direito e a arte de escrever, Monteiro Lobato também era apaixonado pela pintura e fotografia. (LOBATO, 2009, p. 7)

Foi também colaborador da Imprensa paulista e carioca e causou polêmica com o artigo publicado em 1914 em O Estado de São Paulo. No artigo, intitulado “Velha Praga”, o autor faz um protesto contra as queimadas no Vale do Paraíba. Logo após o texto, foi seguido de “Urupês”, no mesmo jornal. Adiante, Lobato lança o livro de mesmo título e esgotou trinta mil exemplares entre 1918 e 1925. (LOBATO, 2009, p.8)

Em 1918, na Revista do Brasil lançou as bases da indústria editorial no país. “A revista apresentava um balanço deficitário, mas era um órgão de prestígio entre os literatos e serviria como veículo de divulgação para uma editora de livros. ” (CARNIO, 1997, p. 21). Nessa época, Lobato revolucionou o mercado livreiro com vendedores autônomos e consignados.

Em 1920, lançou “Negrinha”, reunindo várias histórias, pouco depois publicou "A Onda Verde" (1950), sátira à nobreza do Império, e as obras infantis "Narizinho Arrebitado", à qual se atribui o nascimento do livro brasileiro, e "Fábulas de Narizinho". (CARNIO, 1997, p.27)

De acordo com Carnio (1997), Monteiro Lobato doou alguns exemplares de “Narizinho Arrebitado” para algumas escolas e esta ação despertou o interesse de muitas crianças e fez com que o governador da época determinasse a compra para todas as escolas. Assim, passou então a escrever livros infantis.

A produção lobatiano de literatura infantil, de acordo com José Roberto Whitaker Penteadó (1997 apud Carnio, 1997), trouxe como resultado, além do óbvio retorno financeiro positivo decorrente da descoberta de um ramo de atividade praticamente inexplorado no Brasil daquele tempo, uma influência significativa sobre as opiniões e as atitudes de milhões de brasileiros.

Em 1926, Lobato lançou o romance “O presidente negro”:

Neste romance, num enredo fantasioso, mostrou um choque das raças branca e negra e empregou ideias eugênicas. Com ele, Lobato pretendia atingir o mercado norte-americano, o que não conseguiu por não ter encontrado receptividade dos editores americanos - visto que o assunto consistia um tabu. (CARNIO, 1997, p. 32)

Anos depois, em 1941 fundou empresas de prospecção, mas contrariou poderosos interesses multinacionais e acabou sendo preso. Foi absolvido por Vargas, mas continuou perseguido pela Ditadura do Estado Novo, que ordenou apreender e queimar seus livros infantis. Pouco depois, Lobato partiu para Buenos Aires, onde residiu por um certo tempo e fundou duas editoras.

Quando retornou ao Brasil, depois de alguns anos residindo no exterior, morreu aos 66 anos e deixou, como legado, o exemplo de independência intelectual e criativa. Vale ressaltar que, de acordo com sua biografia escrita no livro “Urupês” (2009), as obras do escritor continuam presentes no imaginário de crianças, jovens e adultos.

É relevante salientar, que Monteiro Lobato sempre esteve ligado à questão do nacionalismo, para Carnio (1997) “O nacionalismo, tal como Lobato a via, poderia ser um instrumento de modernização na medida em que, apenas assumindo as mazelas da realidade brasileira, poder-se-ia iniciar o seu saneamento e avançar na modernização.”

Segundo Oliveira (1990 apud Carnio, 1997), Monteiro Lobato inseria-se num quadro de defesa de um novo nacionalismo, buscando uma identidade nova e rompendo com a herança europeia. Esse nacionalismo, no qual militante, segundo (Oliveira 1990 apud Carnio, 1997) era defendido como a cura para os males brasileiros. Questão que ganhou expressão em torno da figura do Jeca Tatu e das campanhas de saneamento. Para o autor, a educação era elemento central no processo de construção da consciência do cidadão.

Como escritor literário, Monteiro Lobato situou-se entre os autores regionalistas do Pré-Modernismo e destacou-se também nos gêneros conto e fábula. Sua ação, além do círculo

literário, como intelectual polêmico se estende também ao plano da luta política e social, aspirava o progresso material e mental do povo brasileiro.

3.1 O CONTO “NEGRINHA”

O conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato teve sua primeira versão publicada em 1920. A narrativa relata a história de uma menina negra, inominada, “Negrinha era uma pobre órfã de 7 anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados”. (LOBATO, 2008, p.24) Filha de mãe escrava, com a morte da mãe, a menina passa a depender dos “cuidados” alheios da então senhora de escravos, D. Inácia, uma matrona, que recebia representantes da Igreja em sua casa:

Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora, em suma – “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo. (LOBATO, 2008, p. 24)

Para quem reclamava do fim da escravidão no Brasil: “[...] essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia [...]” (LOBATO, 2008, p.25)

É sabido, que as obras do escritor fazem refletir sobre o termo racismo e, no que se refere ao conto supracitado, evidencia-se uma carga emocional muito forte, que consiste em dar visibilidade a uma sociedade escravocrata, no pós-abolição. “Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha. ” (LOBATO, 2008, p.24)

Para Domingues (2018), o conto expõe os modelos de uma sociedade racista e preconceituosa. Segundo a autora, percebe-se na narrativa que a farsa e o sarcasmo são colocados, lado a lado, “excelente senhora. Gorda, rica, dona do mundo[...]” (LOBATO, 2008, p.24) assim como também revela indícios de tragédia e compaixão. “Cale a boca, diabo! No entanto, aquele choro nunca vinha sem razão. Fome quase sempre, ou frio [...]” (LOBATO, 2008, p. 24)

É importante salientar, que o título desse conto - “Negrinha” - já traz um aparente termo pejorativo: que pode ser observado no sufixo “inha” que se consegue identificar e relacionar esse sufixo com outras expressões ligadas ao contexto de algo insignificante, tais como:

coitadinha, pessoinha, pobrezinha e dentre outros termos de diminuição, estes indicam provavelmente menosprezo pela personagem.

Além disso, o conto evidencia requintes de crueldade e ironia, expressos pelo narrador “Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos.” (LOBATO, 2008, p. 24) A menina não podia nem mesmo andar pela casa e seus arredores: “Aprendeu a andar, mas quase não andava. Com pretexto de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta.” (LOBATO, 2008, p.24)

Diante disso, é visível na narrativa a ironia citada anteriormente, ou seja, a suposta “bondade” de D. Inácia [...] “Ah, monsenhor! Não se pode ser boa nesta vida... Estou criando aquela pobre órfã, filha de Cesária – mas que trabalhadeira me dá! – a caridade é a mais bela das virtudes cristãs, minha senhora- murmurou o padre.” (LOBATO,2008, p.26)

Desta forma, é observável na narrativa, que o autor classifica essa patroa como excelente pessoa cuidadora dos pobres, de forma sarcástica, que, na verdade, ela não passa de uma escravocrata perversa e cruel:

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora, em suma – “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo. Ótima, a Dona Inácia. Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. (LOBATO, 2008, p.24)

De acordo com Coelho (2010), os termos “ironia e “crueldade”, conforme o dicionário (HOUAISS 2009) são classificados:

Como figura caracterizada pelo emprego inteligente de contrastes, usado literariamente para criar ou ressaltar certos efeitos humorísticos uso de palavra ou expressão sarcástica; qualquer comentário ou afirmação irônica ou sarcástica; crueldade, entende-se por característica ou condição do que é cruel; prazer em fazer o mal; impiedade, maldade, ato, procedimento cruel; crueza. (HOUAISS, 2009 apud COELHO, 2010)

Neste sentido, pode-se constatar que D. Inácia é tida como uma pessoa muito má, que, no desenrolar da narrativa, percebe-se que essa característica dada à personagem é para indicar um fator agravante em sua personalidade, ou seja, o simples fato de querer continuar agindo como uma escravocrata e, por não aceitar a Abolição da escravatura, desconta toda sua raiva e revolta

na menina. “Sentadinha aí, e bico, hein? / Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas. / — Braços cruzados, já, diabo!” (LOBATO, 2008, p. 24)

Dado isso: crueldade e indiferença pelo sofrimento e abandono da menina, percebe-se o preconceito racial presente que irá transparecer por toda a narrativa, e observável logo de início, na expressão usada para se referir a menina: “Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não, fusca; mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados”. (LOBATO, 2008, p.24).

Além do racismo ser enfatizado nessa narrativa, identifica-se também, na escrita de Monteiro Lobato (2008), reflexões sobre desigualdade social, mentalidade escravocrata e maus-tratos à criança, em que se pode localizar algumas dessas passagens, no desenrolar dessa ficção que são apresentadas com ironia no trecho: “ A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos – e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo – essa indecência de negro igual a branco[...]” (LOBATO, 2008, p.25).

O conto “Negrinha” que tem sua primeira versão publicada no ano de 1920, como já citado anteriormente, pode-se constatar aparentemente, que é uma narrativa que desperta no leitor um olhar crítico acerca do comportamento e atitudes do ser humano, no período pós-abolição. Além disso, o narrador em nenhum momento do desenrolar da trama evidencia ato de proteção pela menina por parte do padre. O mesmo frequenta a casa de D. Inácia mas não tenta amenizar o sofrimento e maus tratos impingidos a ela, como se houvesse certa conivência entre estas duas instituições aí representadas: D. Inácia (a aristocracia) e o padre (a Igreja).

Ademais, identifica-se que essa escrita faz refletir que a abolição da escravatura estava apenas no papel, mas que, na verdade, o pensamento autoritário e a submissão ainda estavam enraizados na sociedade escravocrata, na época da publicação do conto, ou seja, especificamente, no ano de 1920 (século XX), pouco mais de trinta anos após a abolição da escravatura, que se deu em 13 de maio de 1888 (século XIX).

Neste sentido, percebe-se uma postura racista com mentalidade de uma pessoa dona de escravos, sempre presente no pensamento e na forma de D. Inácia referir-se ao outro: “- essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia! “Qualquer coisinha”: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho porque disse: “Como é ruim, a sinhá! “ (LOBATO, 2008, p.25).

Nesse contexto, é óbvio salientar, a partir do próprio conto, que o 13 de maio tirou-lhe da mão o chicote, mas a alma da patroa, má e perversa, continua a mesma anterior à abolição da escravatura: “-Ai! Como alivia a gente uma boa roda de cocres bem fincados!” (LOBATO, 2008, p.25).

Diante disso, evidencia-se um comportamento temeroso por parte de Cesária, a mãe de Negrinha. A mesma foi uma escrava e viveu na senzala, em que pode-se constatar no trecho, ao referir-se a “Negrinha”: “Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.” (LOBATO, 2008, p.24) Portanto, Cesária conhecia os modelos dessa época de escravidão. Neste sentido, sentia-se submissa ao tratamento da patroa D. Inácia com relação a sua pessoa e a sua filha, no caso “Negrinha”, assim, a pobre mulher sentia-se obrigada a sujeitar-se àquela situação de opressão, que acabava punindo sua filha temendo que a patroa fizesse coisas ainda piores:

-Quem é a peste que está chorando aí?
Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? O forno? A mãe da criminosa abafava a boquinha da filha e afastava-se com ela para os fundos do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões de desespero.
— Cale a boca, diabo! LOBATO, 2008, p.24)

Em uma das ações violentas de D. Inácia contra Negrinha está esta cena, quando a menina faz algo de errado, segundo a “concepção” da patroa. E, como castigo põe na boca da menina um ovo quente tirado da água fervendo e a faz comer:

Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, com uma colher, tirou da água “pulando” o ovo e zás! Na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. (LOBATO, 2008, p.26)

Além dessa forma perversa de agressão, a menina era também agredida verbalmente com os muitos estereótipos usados para referir-se a ela, tais como: “[...] pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, [...]” (LOBATO, 2008, p.25) E, dentre outras palavras de indiferenças observável na narrativa. “Negrinha” tinha inúmeros apelidos, mas o mais importante: “ela não tinha um nome”. É relevante salientar esta característica fundamental presente na narrativa, ou seja, a omissão da identidade de “Negrinha”, na qual transmite uma ideia racista.

Mesmo sendo despertado no leitor um tom irônico presente na narrativa, percebe-se a grande desigualdade entre ambas. Para a menina o autor deprecia as qualidades:

Negrinha não tem nome – tem apelido; não tem família – tem dona, que não cuida dela; não tem cor definida – é mulatinha escura; não tem lugar dentro da cozinha, dentro da casa, dentro da sociedade. Não é à toa que parece ‘um gato sem dono’ – sua condição é quase a mesma de um animal. “Aprendeu a andar, mas quase não andava”. (BIGNOTTO apud DOMINGUES, 2018).

Já a patroa, a narrativa é enaltecida com palavras de grandes virtudes e qualidades:

Em contrapartida, a senhora tem nome, título e posição social – dona Inácia. Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, mimada dos padres, com lugar certo na Igreja e camarote de luxo reservado no céu – descreve Lobato. (DOMINGUES, 2018)

Encontra-se na personagem-título uma carga emocional muito forte, marcada por seu comportamento: medo, dor, ingenuidade, solidão, angústia e muita tristeza. “Negrinha” ficou órfã aos quatro anos e teve que submeter-se aos “cuidados” de D. Inácia, e, assim viveu como um animal sem dono.

Cruzava os bracinhos a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo corria. E o relógio batia uma, duas, três, quatro, cinco horas — um cuco tão engraçadinho! Era seu divertimento vê-lo abrir a janela e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as asas. (LOBATO, 2008, p.25-26)

“Negrinha” nunca teve a oportunidade de conhecer as maravilhas da vida, de sentir-se criança, de brincar, de correr, de pular e nem mesmo de falar. Para D. Inácia, a menina deveria permanecer o tempo todo sentado aos cantos da casa, imóvel sem pronunciar uma só palavra.

E todo esse cenário do comportamento da pobre criança, muda a partir da chegada das sobrinhas de D. Inácia em sua casa, as meninas são apresentadas na narrativa como superiores à Negrinha, “Certo dezembro vieram passar as férias com “Santa” Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas.” (LOBATO, 2008, p. 27)

É relevante enfatizar que as meninas “loiras”, para “Negrinha” seriam como os anjos do céu. A pobre menina órfã encantada com as criaturas esqueceu por alguns instantes os beliscões e maus-tratos, ficou deslumbrada com um novo universo ao seu redor. A menina que nunca soube o que era brincadeiras e diversões na infância, ficou surpresa ao ver uma boneca:

“— Nunca viu boneca? / — Boneca? — repetiu Negrinha. — Chama-se Boneca? / Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade. / — Como é boba! — disseram. — E você como se chama? / — Negrinha. / As meninas novamente torceram-se de riso; mas vendo que o êxtase da bobinha perdurava, disseram, apresentando-lhe a boneca: “— Pegue! (LOBATO, 2008, p.28)”

É importante perceber que a partir do momento que Negrinha conheceu e sentiu, por pouco tempo, o verdadeiro sentido da felicidade e encantamento, compreendeu que tinha uma alma, assim como também percebeu sua existência e a existência das coisas. Apesar de não ter um nome, poderia também fazer parte do mesmo mundo que as sobrinhas de D. Inácia faziam. E esse súbito de consciência foi tão forte e tão marcante para a personagem que a menina não resistiu e morreu logo que terminaram as férias e as meninas voltaram para casa.

4. DEBATE: PESAMENTO CONSERVADOR RACISTA DE MONTEIRO LOBATO

É importante salientar, segundo Carnio (1997), que o pensamento conservador de Monteiro Lobato esteve ligado a questões sociais e sempre se deteve a um nacionalismo:

Lobato dedicou-se a muitas questões importantes, como a defesa de um nacionalismo consciente e o combate ao ufanismo imoderado, a busca de promoção do progresso no país - para tanto, lutando pela criação das indústrias do ferro e do petróleo no Brasil - e a denúncia da existência de um absoluto divórcio entre os brasileiros cultos e a realidade do campo - utilizando, para isso, a figura do Jeca Tatu, com a qual pretendia mostrar quem realmente era o caboclo. (CARNIO, 1997, p. 02)

Segundo Ferreira (2017), no livro *Urupês* presencia-se uma passagem de condenação à miscigenação brasileira. Para o autor, a criação da figura do Jeca Tatu é vista como pejorativa e inferiorizada. Portanto, inadaptável à civilização. Neste sentido, o escritor é associado a uma ideologia racista.

Para Rodrigues, (2014) o conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato representa o preconceito e a opressão manifestas sobre o negro, no Brasil. O pensamento do autor vai ao encontro dos padrões da época de publicação do conto, período pós-abolição em que os “Senhores” de grandes posses econômicas não aceitavam o fim da escravidão. Dessa forma, sentiam-se no direito de continuar escravizando e oprimindo grande parte da população.

Em vista disso, Rodrigues (2014) caracteriza Negrinha com vestígios de muita crueldade, desprezo e maus tratos. Muitas dessas características, estão ligadas à opressão e submissão. Para o autor, Negrinha é vista por um meio social injusto e preconceituoso, cujos padrões se valem da submissão dos mais fracos e da hipocrisia, sendo dona Inácia representada como a opressora e Negrinha, a oprimida.

Bergamasco (2010) chama a atenção para uma questão que observa no texto narrado, em que a autora identifica nesse texto uma certa ironia ou contradição quando o narrador se refere aos olhos assustados de Negrinha, visto como uma característica importante. A pesquisadora observa que o narrador ao apresentar Negrinha faz uma certa descrição sobre a menina: “olhos assustados.” (LOBATO apud BERGAMASCO, 2010). Em seguida, no desenrolar da trama o narrador novamente se refere aos olhos assustados de Negrinha.

Segundo Bergamasco (2010), como a menina poderia ter olhos assustados, se o narrador apresenta a senhora D. Inácia como boa, religiosa e virtuosa. Assim, não faz sentido. Não teria como a menina ter olhos assustados. Para a pesquisadora, Negrinha teria que transmitir no seu olhar tranquilidade e paz, já que a patroa é tida como tão caridosa.

Assim, a ironia é observável no conto, como também é notável a dicotomia sujeito/objeto visível na narrativa. A autora observa que D. Inácia é apresentada como patroa, representando sua posição social e hierárquica de superioridade em relação à Negrinha, que lhe é dado um nome remetendo a cor de sua pele, evidenciando assim um aspecto de inferioridade. Nessa perspectiva:

a patroa é retratada como sendo o sujeito, como uma pessoa de moral, poderosa, culta, religiosa, civilizada, em suma, possuidora de apenas boas características. Já Negrinha é retratada de forma oposta, como um objeto, principalmente pela aparência que apresenta: “magra, atrofiada”, “cabelos ruços, olhos assustados”, ou seja, destituída de características positivas e de dignidade. (BERGAMASCO, 2010)

Segundo a autora, D. Inácia, ao impor-se como sujeito, detentora do poder sobre a menina, a impede de qualquer tipo de manifestação. Bergamasco (2010) ainda acrescenta a dicotomia sujeito/objeto. Para a autora, é uma forma de manifestação de uma relação de poder. E, a partir do momento que Negrinha consegue identificar essa forma de tratamento e de vida que lhe é oferecida, ou seja, a partir do momento em que a menina percebe que é tratada como um objeto e descobre que tem uma subjetividade e poderia viver diferente, aparentemente não resiste e morre ao tomar consciência dessa subjetividade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

Esta pesquisa procura apresentar a crítica visível em algumas obras literárias que me serviram de suporte para pesquisar o tema discriminação racial, objeto de minha análise. Neste sentido, procura apresentar esse tema visível no conto analisado. Em vista disso, é relevante identificar, na narrativa de Monteiro Lobato, variadas formas representadas de menosprezo pelo negro/negra, a Negrinha, especialmente a criança que, por ter tido uma mãe escrava, não teve o direito de crescer igual a outras crianças, pois lhes foram negados os direitos de brincar e participar de tudo o que qualquer pessoa pode usufruir e merecer em sua infância. Dessa forma, identificamos a dissemelhança entre a criança pobre e a criança rica. Assim, atentamos para a questão central da narrativa, que diz respeito ao fato de a personagem título não ter seu nome revelado na obra. Isso nos faz concluir que essa omissão do nome, de referir-se à menina apenas pelo termo “Negrinha” e, dentre outros termos pejorativos que aparecem no conto ao referir-se a ela, enfatiza um evidente preconceito racial.

Contudo, é relevante concluir que a personagem título da obra, após perceber a diferença entre sua vida e a vida das meninas ricas, sobrinhas da patroa D. Inácia, foi tão marcante para ela, que a mesma teve seu súbito de consciência, em que a fez perceber que tinha uma personalidade, uma alma e que poderia pensar e agir como qualquer outra criança se não existisse a perversidade, a indiferença e a forma de qualificar um ser humano, especificamente uma criança, por parte da patroa, D. Inácia. Neste sentido, se conscientizou que a vida oprimida que tinha ao lado da patroa não poderia continuar e, assim, “Negrinha” desistiu de viver.

Como sugestão à leitura desse conto em escolas, a meu ver, seria relevante uma nova versão para ele. Muitos outros finais podem ser escritos para a personagem, entre estes, destaca-se: a adoção da menina por uma família “bondosa” de verdade, que passasse a amá-la; um convite pelas parentes de D. Inácia para seguir viagem com elas; uma fuga em que a patroa nunca mais ouvisse nada a respeito da menina e a versão que mais seria de contrapartida ao tema: a velhice enferma e prostrada de D. Inácia e, por conseguinte, sua morte, e a posse de seus bens por Negrinha, já que, no conto, o narrador evidencia que a menina é criada por D. Inácia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGAMASCO, Rosilda de Moraes. **A dicotomia sujeito-objeto no conto Negrinha, de Monteiro Lobato.** Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/3101>> . Acesso em: 01 março 2019.

CARNIO, Giovanna de Oliveira. **Ação e pensamento de Monteiro Lobato.** Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=a%C3%A7%C3%A3o+e+pensamento+de+monteiro+lobato+giovanna&oq=a%C3%A7%C3%A3o+e+pensamento+de+monteiro+lobato+giovanna&aqs=chrome..69i57.19813j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8>> . Acesso em: 28 fev. 2019.

COELHO, Ana Célia. **Ironia e crueldade em Pai contra Mãe.** Disponível em: <<https://www.ebah.com.br/content/ABAAAA1qYAG/ironia-crueldade-pai-contra-mae>> . Acesso em: 03 de março de 2019.

DOMINGUES, Joelza Ester. **“NEGRINHA”, de Monteiro Lobato, Um conto para discutir o preconceito e o racismo.** Disponível em: <<https://ensinarhistoriajoelza.com.br/negrinha-de-monteiro-lobato-preconceito-e-racismo/>> . Acesso em: 05 março 2019.

FERREIRA, Antonio Carlos Gomes. **Curso Básico de Sociologia: geral e jurídica.** São Paulo, 2017 Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=curso+basico+de+sociologia+antonio+carlos+ferreira&oq=curso+basico+de+sociologia+antonio+carlos+ferreira&aqs=chrome..69i57.16023j0j8&so>> . Acesso em: 23 março 2019.

LOBATO, Monteiro. Negrinha. Le livros. Editora Globo: 2008. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/baixar-livro-negrinha-monteiro-lobato-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>> . Acesso em: 27 fev. 2019.

LOBATO, Monteiro. **Urupês.** 2 ed. São Paulo: 2009.

MAY, Guilherme Henrique. **O preconceito racial na obra de Gregório de Matos.** Disponível em: <http://www.sitedoescritor.com.br/sitedoescritor_escritores_gmatos_texto002.html> . Acesso em: 19 março 2019.

NASCIMENTO, Anderson Ulisses. **Pré-Modernismo.** Disponível em: <<http://educacao.globo.com/literatura/assunto/movimentos-literarios/pre-modernismo.html>> . Acesso em: 19 março 2019.

NINA RODRIGUES, Raymundo. **Os africanos no Brasil.** Biblioteca virtual de ciências humanas do centro Edelstein de pesquisas sociais - www. Bvce. Org. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/mmtct/pdf/rodrigues-9788579820106.pdf>> . Acesso em: 14 março 2019.

OLIVEIRA, Ingrid Silva de. **O olhar sobre o negro na literatura brasileira do pós-abolição. Um estudo de caso no romance A intrusa de Júlia Lopes de Almeida.** Academia.edu. 2009. Disponível em:

<https://www.academia.edu/10089209/O_olhar_sobre_o_negro_na_literatura_brasileira_do_p%C3%B3sabol%C3%A7%C3%A3o._Um_estudo_de_caso_no_romance_A_intrusa_de_J%C3%BAlia_Lopes_de_Almeida> . Acesso em: 10 jan. 2019.

PROENÇA FILHO, Domício. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100017> . Acesso em: 8 jan. 2019.

RODRIGUES, Sérgio Manoel. **Literatura, Opressão e Preconceito**: Uma análise do Conto Negrinha de Monteiro Lobato. Revista Acadêmica da UNIBR. Disponível em: <<http://unibr.com.br/revistamatter/2014/12/03/literatura-opressao-e-preconceito-uma-analise-do-conto-negrinha-de-monteiro-lobato/>> . Acesso em: 06 março 2019.

ROMERO, Silvio. **História da Literatura brasileira**. Disponível em: <<http://www.santoandre.sp.gov.br/pesquisa/ebooks/344495.pdf>> . Acesso: 05 março 2019.